

Itamar vai ou não vai?

O ministro da Justiça, Íris Resende, não acredita que o embaixador Itamar Franco vá, de fato, registrar sua candidatura a presidente da República pelo PMDB. "Pelo que entendi, ele disse que vai conversar sobre o assunto com José Sarney e Roberto Requião e, na minha opinião, dessa conversa resultará a apresentação da candidatura Requião, o que não muda o quadro", diz o ministro, que não vê, nas movimentações dos dois ex-presidentes da República, disposição real de disputar com Fernando Henrique a presidência.

Isso hoje, pois considera que ambos, em caso de, por hipótese, FH despençar nas pesquisas, poderiam perfeitamente se apresentar, assim como outros políticos que agora integram a aliança. "Por enquanto continuo achando que Itamar prefere a carreira diplomática."

Para ele, a convenção do PMDB marcada para 8 de março não deverá apresentar surpresas: primeiro o partido derruba a tese da candidatura própria, tornando fato a aliança com Fernando Henrique, e depois julga prejudicado um recurso do deputado Marcelo Barbieri que pretende a prorrogação do mandato do deputado Paes de Andrade na presidência do PMDB.

Isso feito, Paes estaria imediatamente fora do cargo, sendo substituído pelo senador Jader Barbalho. Mas e o imponderável, já que Paes de Andrade ganhou outras quando ninguém esperava que isso acontecesse?

"Naquelas ocasiões, ele tinha o nosso apoio. Hoje é diferente. Ou a maioria ganha essa convenção ou então não somos líderes de nada, nem de nossas bases." Pelo raciocínio de Íris, a vitória de Paes de Andrade é "impossível" pelo simples fato de que, como presidente, "ele nunca se importou com diretório, nunca fez reuniões com lideranças, jamais preparou uma candidatura que pudesse hoje ter condições de disputa com Fernando Henrique. Desde o ano passado, só repete que Itamar viria."

E, para o ministro, o sinal mais evidente de que nem o embaixador nem o senador Sarney serão candidatos é que nenhum dos dois fez qualquer articulação nesse sentido dentro do partido. "Num partido do tamanho e com a importância do PMDB, não tem cabimento as pessoas estarem fazendo política através de declarações em jornais."

Segundo ele, Itamar Franco não procurou nenhuma liderança para discutir a possibilidade de vir a ser candidato. "E o Sarney, que é meu amigo, também jamais me procurou para dizer nada." E, como ninguém se transforma em candidato sem pelo menos preparar o projeto com os próprios correligionários, Íris conclui que o registro dos nomes não acontecerá. A não ser, provavelmente, o de Requião.

Mas esse, assegura, será candidato dele mesmo, "ou de alguns companheiros do Paraná, Minas e São Paulo, que, legitimamente, desejam a candidatura própria". Embora compreensível, na opinião de Íris esse desejo é inexecutável. Em parte por culpa do próprio Paes de Andrade, que apostou apenas em Itamar ou Sarney.

"Ao longo desses quatro anos não preparamos nenhum nome que hoje tenha reais condições de entrar numa disputa de modo a não levar o partido ao fracasso mais absoluto pela terceira vez. Não sobreviveríamos a isso."

Mas, se está correta a tese de que nem Itamar nem Sarney desejam verdadeiramente entrar na empreitada, por que não Requião?

"Porque não tem o apoio nem a confiança do partido. Está em quarto lugar para presidente em seu estado, o Paraná, e, de mais a mais, não é o nome que o PMDB considere ideal para disputar ou para presidir o país."

Também não passa pela cabeça do ministro a possibilidade de Requião conseguir arrebatando os convencionais de modo a convencê-los de sua candidatura. "As pessoas já não se deixam levar pela emoção. Aconteceu na convenção que elegeu Ulysses Guimarães o candidato, contra a realidade nos estados que já nos indicava falta de apoio real. Depois, outra vez, repetimos o mesmo com Quéricia. E qual foi o resultado? Três, quatro por cento dos votos."

Na opinião do ministro Íris Resende, o PMDB deve fazer o que farão todos os outros, aliados ou não a Fernando Henrique: tentar eleger o maior número possível de deputados e governadores e usar os próximos quatro anos para preparar uma candidatura para 2002. "Isso é trabalhar com a realidade. O mais são desejos ou bravatas que podem ser legítimos, mas não resolvem as coisas de verdade."